

DIMENSÃO HUMANA DA COMUNICAÇÃO

ADAIR C. PERUZZOLO¹

Resumo

A proposta é pensar a nota específica que define toda relação de comunicação e a sua modalidade típica na cultura, que representa a amplitude da dimensão simbólica da ação humana, onde a representação que possibilita a relação de comunicação opera toda a diferença entre o ser homem e o ser animal. Sob esse prisma, na comunicação como procura da resposta para os desejos e necessidades próprios, o valor da relação cresce, definindo melhor o sujeito e dando consistência e peso à comunicação nos processos de subjetivização.

Palavras-chaves: Teoria da Comunicação - Comunicação Humana - modelo comunicacional

Abstract

The proposal is to think the specific note that defines every relation of communication and its typical modality in the culture, which represents the amplitude of the symbolic dimension of the human action, where the representation that makes it possible a relation of communication operates all the difference between the human being and the animals. In this aspect, in the communication as the search to the answers for desires and self needs the value of the relation grows, defining better the subject and providing consistency and weightiness to the communication in the processes of subjectivity.

Keywords: communication theory – human communication – communicational models

A categoria conceptual de ‘comunicação’ sofre usos polissêmicos que terminam por fazê-la um termo sumamente ambíguo e sem força lógica. As constantes preocupações teóricas e metodológicas que incluem biólogos, zoosemioticistas, psicossociólogos e antropólogos, começa a jogar novas luzes sobre a compreensão desse fenômeno. As pretensões desse texto é apresentar as bases que fundamentam uma concepção humana do fenômeno da comunicação e que possibilite estender a força dessa lógica conceitual para os usos (práticos e/ou teóricos) desse fenômeno cultural.

Neste texto, afirma-se um conceito de comunicação que implica um tríplice percurso: a relação entre os comunicantes e os dois fluxos que vão dos comunicantes para a mensagem. Ora, isso implica em afirmar que as relações se dão na exterioridade dos termos, razão pela qual instamos em dizer que *nos comunicamos em algo* e não que comunicamos algo. Em outras palavras, procuramos compreender a comunicação por sua qualidade, não por sua mecânica. A questão-chave para tudo isso que fazemos constar nessa proposta é: *Qual é a necessidade da comunicação que o homem constrói na sua história?*

Reconhecidamente, falar-se em comunicação é designar um sem-número de eventos dissemelhantes, algo assim como o termo ‘beleza!’ que usamos para designar a

¹ Prof. Titular no Curso de Comunicação Social da UFSM; Mestre e Doutor em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRRJ; e Pós-doutorado junto à Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha.

qualidade do que é belo mas também para chamar a alguém cujo nome não sabemos ou para mexer com alguma garota que passa na rua, etc. Então, algumas pessoas já ficam preocupadas e perguntam: mas a comunicação existe, não existe?

O termo 'comunicação' existe o problema está em determinar o tipo de fenômeno que ele vai designar ou está designando. Para biólogos, é um fenômeno pertinente a todo ser vivo e designa o processo de produção e circulação de informações, e das respostas que elas provocam. Desde os estudos cibernéticos de Nobert Wiener (1968), na década de 40, é também, para muitos, um processo pertinente à máquina e a outros sistemas similares, com o mesmo sentido de produção, transmissão e reação a informações que se apresentam. Para muitos sociólogos e estudiosos da Psicologia Social e para muitos antropólogos e comunicadores, a comunicação é ora um processo de transmissão de informações ora um processo pelo qual se exerce influência em alguém ou sobre alguma coisa.

'Comunicação' é mais que um termo lingüístico, é uma categoria conceptual pela qual podemos trabalhar certos fenômenos (aí vem a questão crucial!) gerais ou especiais, precisos ou difusos, pertinentes ao universo ou aos seres vivos ou a parte destes ou a um tipo de ação, com muito significado ou, mesmo, com expressão nenhuma.

Um imenso campo polêmico

Nos últimos 70 anos, que é praticamente a idade dos estudos de comunicação, tem havido uma imensa profusão de abordagens dos processos comunicacionais e questões conexas que deixaram a impressão de uma balbúrdia conceitual e teórica. Na verdade, trata-se de conhecimentos e entendimentos diversos que demandam uma nova etapa, a da estruturação e síntese dessas conquistas. Já existem excelentes tentativas como as Cherry (1974), na década de 50, de Littlejohn (1983), na década de 60, de Wolf (1987), de Melvin De Fleur e Ball-Rokeach (1993) e Mattelart (1999),

procurando a articulação das diferentes propostas teóricas e da evolução da ciência da comunicação².

O professor Muniz Sodré (96:11) refere as dificuldades oriundas da polissemia desses usos: "*Comunicação é um termo de largo espectro e uso variado. Presta-se a confusões, a erros de demarcação conceitual, e nem sempre se sabe muito bem do que se fala, quando se emprega tal palavra. Impõe-se por isso uma elucidação*". De modo que é sempre preciso entender-se sobre a natureza e as nuances desse conceito quando se deseja abordar e operar com as categorias comunicacionais.

O rol de conceitos de comunicação que desfilam – quer como processo quer como estado – nas obras que abordam o tema, criam um imenso campo de ambigüidades, ou porque demasiados suficientes – no sentido etimológico desse termo – e, assim, restritos ao fenômeno da comunicação humana ou a alguns deles, como é o caso do conceito de comunicação como diálogo que, além de não recobrir a série de eventos de ordem conflitual que fluem dos grupos sociais, também lhes retira essa possibilidade na ordem do jogo das individualidades; ou porque demasiado técnicos, como as de Shannon/Weaver (1975) e Kientz (1973), que se ocupam do modo como o processo se manifesta e que, portanto, possibilita sua extensão a diferentes naturezas tais como aos seres inanimados ou a qualquer fenômeno relacional.

Seguramente, a comunicação não é um fenômeno exclusivamente humano mas também não é verdade que tudo comunica, como por vezes se ouve dizer. Por um lado, não queremos aqui exercer um policiamento terminológico ou conceitual e entretanto, por outro, importa compreender do que essa situação é sintoma ou resultado e propor a nossa concepção de comunicação quando ela é pensada na qualidade da força que ela é. Diz Deleuze (76:39) que "*as for-*

² No Brasil, temos a tentativa de análise sintética dessas Teorias com a obra "*Teorias da Comunicação*", de Iliana Polistchuk e Aloísio Trinta (Rio de Janeiro: Campus, 2002).

ças têm uma quantidade”, por onde se pode legitimamente pensar a comunicação como formas da quantidade. Mas as forças “também têm a qualidade que corresponde à sua diferença de quantidade; ativo e reativo são qualidades das forças”, por onde se pode pensar as especificidades dos processos comunicacionais.

Nós queremos pensar a comunicação pela sua qualidade, porque números e medidas, e coisas que os representam, organizam pensamentos incompletos e lidam com as aparências do processo. “A arte de medir as forças faz intervir toda uma interpretação e avaliação das qualidades”, diz Deleuze (76:35). Entretanto, “a concepção mecanicista só quer admitir quantidades, mas a força reside na qualidade; o mecanicismo só pode descrever fenômenos, não pode esclarecê-los”.

O modelo comunicacional básico, geralmente aceito entre os usuários e estudiosos da comunicação, que é aquele de Shannon/Weaver com o adendo, operado por Berlo, dos mecanismos do feedback³, enfatiza a mecânica da comunicação no exercício da determinação das influências. Mas os avanços havidos na Etologia, na Zoologia e na Zoosemiótica têm jogado novas luzes nos fundamentos dessa conduta.

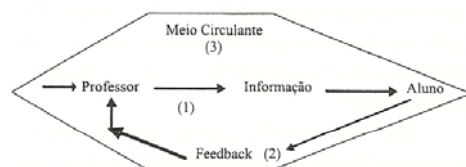
Tanto na comunicação telegráfica de Shannon/Weaver quanto na comunicação interpessoal de Berlo (1979) e tanto na comunicação humana de Cherry (e outros) quanto na comunicação cibernética de Wiener, Moles (1967) e Kientz, *comunicar é uma técnica*. Isso significa afirmar que, para esse pensamento, o que fundamentalmente importa é produzir, mesmo que seja produzir influências, interações, partilhas e trocas (ainda que essas sejam simbólicas). “Técnica é um fazer cuja essência é o produzir”, assevera o prof. Tavares D’Amaral (77:45).

Mesmo nos modelos enriquecidos como são os de Schramm e Dobb (Rabaça & Barbosa, 78:116) e o de Nérici (1973),

denominado “Cadeia-lateral”, com intuitos pedagógicos, e no qual procura enfatizar a troca de mensagens ou a necessidade de interação, se encontram ausentes as razões essenciais que levam ao movimento da comunicação. Precisamos distinguir o fenômeno, o acontecimento, o ato da comunicação de suas operações, para que se possa dar a devida abrangência lógica de sua força.

Um conceito limiar tem que ser rico apenas o bastante para dar conta de todos os fenômenos que se deseja inserir nessa concepção. O fenômeno é histórico e social, as operações envolvem meios, isto é, técnicas, e pouco ou nada dizem dos que a operam.

Na tentativa de entender o processo de comunicação, quando este acontece entre um professor e um conjunto de alunos, levou Imídeo Nérici a traçar este modelo:



Atribuindo o grande peso da ação pedagógica aos elementos “meio circundante” e “feedback”, é um modelo mecânico de trocas³, na medida em que se fundamenta em condições técnicas. Centralizado nele está a informação como algo controlável, pingável em doses homeopáticas. Por isso a coordenação dos fluxos, que devem passar pelas diversas cadeias comunicacionais – da informação, do feedback e do meio circundante – cabe à pedagogia que deve, então, atrelar professor/aluno de modo tal que a programação adequada de meios, principalmente os eletrônicos, possa deslanchar a eficiência do ensino. Daí também a aproximação deste ao modelo da *Caixa Preta* da Teoria Geral de Sistemas, com a decorrente adoção das categorias conceituais de “Entrada” e “Saída”, produzindo um efeito nocional de controle do processo de comunicação pelo controle do processo da informação.

³ O feedback, no seu conceito mais próximo da Cibernética, que é onde nasce, é o processo que permite o controle de um sistema pela informação dos resultados de sua ação.

Desconhecendo inteiramente o que ocorre no interior da “Caixa Preta”, no caso, o aluno, por ser um sistema fechado, cuja estrutura interna não é diretamente observável, o professor e a escola vão reconstituir, por via dedutiva, o que se passa nesse mecanismo oculto, pela averiguação das reações aos impulsos que eles lhes manifestam. Se a mensagem respondida (*R*) for idêntica à mensagem emitida (*E*), é que o organismo (*O*) comportou-se como um fiel apreensor da informação. Se *R* não corresponder a *E*, é que é mau assimilador, e o que se tem a fazer é (*re*)condicionar as entradas, os alimentos.

A preocupação fundamental dos modelos que têm essas características é a eficiência do processo. Assim, o modelo cibernético de algumas correntes comportamentalistas – *E – O – R* (Estímulo- Organismo- Resposta) – está bem próximo do modelo comunicacional de um grande número de pessoas preocupadas com a eficiência da comunicação, do ensino e das relações sociais⁴.

De um modo geral, os modelos comunicacionais, costumeiramente em uso, são devedores da concepção cibernética, cujo eixo são as idéias-matrizes de controle e transmissão (“*comunicação no animal e na máquina*”, é o título da obra de Wiener, publicado em 1948). Na sua essência, trata-se da força das “*mensagens de comando*”. Por isso o sentido etimológico de ‘cibernética’ é a arte de pilotar, e os pilotos aí são circuitos de comando e de controle; não a arte de fazer sujeitos no encontro do exercício da vida.

Os modelos soem exprimir o lugar e a concepção que se dá aos sujeitos comunicantes bem como exprimem as relações de dependência ou subserviência das partes. O dispositivo de feedback, por exemplo, afirma o valor da eficiência da mecânica do fenômeno, que não está presente na categoria da reciprocidade. Por isso o meca-

nismo de feedback aparece primeiro nas preocupações tecnológicas e seus desempenhos, somente depois é levado para a consideração das comunicações entre as pessoas, carregando consigo a ideologia da conduta maquinal, pois, como diz Barthes (72:16), uma linguagem, e mesmo uma palavra, permanece sempre prenhe de seus usos anteriores.

Como teoria de um controle é a teoria de uma técnica, que considera a comunicação somente enquanto engenharia, ignorando aspectos mais substanciais como o caráter das relações sociais que ela institui e o lugar que ela constrói para os sujeitos. É por isso que na seqüência nos dedicamos a propor um conceito e modelo de comunicação, que revelam uma dimensão que, a nosso ver, é essencial na consideração da comunicação humana.

A comunicação é uma relação

Começamos afirmando que inexistente ainda uma teoria hegemônica que possa dar conta de todos os processos da comunicação⁵. O modelo standart de Shannon/Weaver/Berlo é bem um modelo de engenharia da comunicação, que define seu ciclo físico, que dá conta do seu transporte, do seu trânsito, que descreve a sua operação e a interligação dos seus elementos funcionais. Carecemos de um modelo, provavelmente não mais complexo, mas seguramente com outro fundamento, que possa dar conta da essência do comunicar, que fatalmente terá algo a dizer dos seres que se comunicam, colocando uns junto aos outros.

Para os devidos cuidados epistemológicos, temos de estar atentos para o fato de que nós, que fazemos a comunicação, também somos os que queremos analisá-la, estando portanto implicados nela, sem nenhuma afastamento possível, o que de certa forma nos complica, não permitindo que

⁴ Para mim, a comunicação é naturalmente pedagógica independentemente dos meios que a operam. Comunicar é educar, seu fim e o meio de fazê-lo.

⁵ A proposta epistemológica de Chalmers (1994) é que a ciência, em vez de ser um conjunto de leis universais e a-históricas, é um empenho geral e político de constituição de um saber que procura responder às dimensões sociais do grupo humano que o acolhe.

sejamos isentos. Como seres humanos que produzem e avaliam o fenômeno cultural da comunicação, precisamos partir da consideração da natureza do ser humano que o faz, o adquire, o ensina e o avalia (Chalmers, 1994). Em termos humanos, temos que precisar a dimensão antropológica da comunicação na cultura. Nesse sentido, não temos dúvidas que a proposta feita por Audet⁶ tem os ingredientes essenciais de plenificação desse vazio.

Precisamos dizer uma palavra sobre nossa opção metodológica. Trabalha-se o que é a relação de comunicação nas suas origens, sua força e seu desenvolvimento, a partir de um conjunto de fatos observáveis, para inferir o que é ela na complexidade dos fenômenos culturais atuais, onde a carga histórica, científica, tecnológica e de pensamento dificulta seu entendimento. A estrutura dos processos e sua lógica manifestam-se mais claramente lá onde os fenômenos são simples e não foram ainda recobertos pelos jogos simbólicos da especificidade humana⁷.

No homem, os processos comunicacionais se organizam sob a forma de modelos culturais, e vão ser afetados por essa lógica da formação cultural na sua composição e consolidação históricas. Isso quer dizer que estudar a comunicação como fenômeno humano é compreendê-la na sua dimensão de fenômeno cultural, onde comunicação e cultura são o mesmo corpo: um, o sangue (a comunicação) e o outro, o sistema arterial (a cultura). Estudar a comunicação como fenômeno humano é compreendê-la na sua dimensão de fenômeno cultural.

Muitos põem o fenômeno da comunicação como fundamento da relação social. Diz, por exemplo, Xifra-Heras (75:7) que “a comunicação constitui o fundamento de

toda sociedade humana e de toda relação social”; entretanto há algo de dinâmico a ser acrescentado: ela é a **força** que produz o social, que tem sua força na impulsão de ser de todo ser vivo. A comunicação é anterior ao ‘pensamento’ da organização social. São os processos de comunicação que instituem a organização social. A relação macho/fêmea tanto quanto a relação mãe/filho se fazem por uma série de jogos comunicativos, por exigência do código genético para a sobrevivência da espécie. Spitz (1966) analisa no capítulo intitulado “*Uma Digressão Filogenética*” a série de buscas que os filhotes empreendem na tentativa de relacionar-se com suas mães e o meio ambiente.

A força vital leva o ser à relação com a alteridade para que ele possa construir sua existência. Há uma força criadora, diz Rogers (77:304) que move “*a tendência do homem a realizar-se, a levar a ser suas potencialidades*”. Refiro-me, diz ele, “*ac impulso a expandir-se, crescer, desenvolver-se e amadurecer, que se manifesta em toda vida orgânica e humana, isto é, a tendência a exprimir e realizar todas as capacidades do organismo ou de si mesmo*”.

Essa relação é buscada com a organização e oferta de mensagens que se apresentam como resposta à necessidade do outro que, no ato de acolhê-la, encontra o seu destinador, assim também operando o seu fazer-se no mundo. A comunicação é, então, uma relação específica, a saber, a relação que se efetua por um meio material que se torna base dos investimentos pessoais nessa relação. Por isso, não na sua forma plena, mas na sua forma primeira e necessária, isto é, na sua gênese e como processo essencial, a comunicação é, minimamente, uma relação de ser a ser; de um ser que quer passar uma mensagem a outro, cuja mensagem será confirmada por uma certa resposta, no nível meramente aquiescente do encontro, por exemplo, porque tudo se passa nos encontros dos corpos ao se agenciarem. Fischer (73:31), aprofunda esse pensamento do encontro do outro quando diz que “*a linguagem não é tanto um meio de expressão quanto de comunicação*”.

⁶ Aquilo que se fala de Jean Paul Audet é apenas o que se encontra nas apostilas ou se absorveu nas aulas de “Dimensions Anthropologiques en Communication”, ministradas pela Prof.a Dra. Diana Canaud, no Mestrado em Comunicação da Escola de Comunicação da UFRJ, nos anos de 1975/76.

⁷ Neste presente artigo, trabalhamos a primeira parte desta proposta, apenas. Uma visão mais completa está em “A Comunicação como Encontro” (no prelo, Eduse).

Uma relação é um liame estabelecido entre duas forças, que são dois termos, (“termo”, não no sentido lingüístico, mas no seu sentido etimológico de “*terminação*”, de “*extremidade*”). Deleuze, analisando Nietzsche, prefere falar de “*forças em relação de tensão*”). Quando faço um gesto, há uma relação que define o gesto – a relação do sujeito que o faz e o gesto feito. Esse gesto carrega em si o investimento de desejos e sentimentos do sujeito para com o outro, tornando-se mensagem. Esse meio relacional – o gesto – vem densamente investido pelo sujeito primeiro, que se relaciona a esse meio para poder relacionar-se, através dele, com o outro.

O holandês Tinbergen (1967) mostrou enfaticamente, na sua obra sobre a vida social dos animais, que o animal estabelece a relação na medida da representação, que faz, do objeto; por exemplo, a cor do bico ou uma certa posição do corpo ou das asas. Se se muda aquela cor ou posição de maneira artificial, não haverá mais representação, e o sinal “visual” (no caso, meio de comunicar), deixa de provocar uma resposta. Lorenz (1969) também analisa intensivamente os sinais de representação da ameaça, os elementos rituais que definem a corte, os movimentos e posturas que constroem a representação da não agressão, os gestos de apaziguamento, da distinção entre o familiar e o estranho, etc, de tal modo que as condutas ficam na dependência dessa leitura. É esse carácter representativo que formaliza o acontecimento da relação de comunicação.

Aqui necessitamos esclarecer o imbricamento das categorias de percepção e representação, cujos conceitos têm peso muito importante e sentido determinativo de tudo quanto se afirma nessa forma de teorizar a comunicação. A percepção é o processo biofisiológico de captação, elaboração e registro dos estímulos que sensibilizam os órgãos sensoriais. Os estímulos captados pelos sentidos são conduzidos ao tálamo que os repassa ao neocórtex, que os reúne como ‘dados colhidos’, e os processa cognitivamente. “*Todo estímulo que atua sobre*

um organismo deixa nele um ‘engrama’⁸, um traço fisiológico definido; e todas as futuras reações do organismo dependem da cadeia desses engramas”, explica Semon (apud Cassirer, 72:87); mas, adianta Cassirer, não basta o resíduo, é necessário também que os engramas sejam ordenados, localizados, reconhecidos, identificados e relacionados com diferentes pontos no tempo; necessitam de um processo de recriação e de reconstrução daquela atividade funcional (a que chamamos de representação).

A percepção depende das possibilidades físicas dos indivíduos e biológicas da espécie, ou seja, o estímulo está amarrado aos limiares perceptivos dos órgãos sensoriais. Os limites estão na percepção, não no percebido. Kilpatrick, citado por Hall (77:49), diz que “... *não podemos jamais perceber o mundo em si, mas apenas ... o choque das coisas físicas com receptores sensoriais*”.

A representação é o investimento qualitativo no dado percebido. É o processo avaliativo pelo qual os estímulos percebidos recebem valorações, em razão do que passam a significar algo para o organismo. Sua função é adequar as reações do organismo na sua relação com o mundo; é colocar em atividade os esquemas de ação latentes ou regular a ação em curso. A representação se forma através da percepção, parte sempre de uma percepção, da percepção de um objeto, de uma coisa que a torna enriquecida por circunstâncias, valores e sentido - daí representada.

Percepção e representação são modos de experimentar o mundo e de agir concretamente sobre ele. Têm por função regular a atividade relacional do organismo. Sem os órgãos sensoriais, a atividade do organismo seria aleatória; sem a faculdade de representação, como a denomina Léroi-Gourhan (1965), não haveria nem experiência nem aprendizado. São portanto faculdades que

⁸ O tradutor de Cassirer introduz uma nota explicativa da categoria ‘engrama’, dizendo que o termo vem do grego (gramma) e significa uma “marca, sinal ou transtorno persistente provocados no protoplasma por um determinado estímulo, que seria o fundamento da memória, hereditariedade, etc”.

operam em sincronia; têm limites porosos, que permitem a passagem de fluidos que colorem a ação um do outro. Alves (79:23) diz que “*sem esta atividade interpretativa, a ação não poderá ser coordenada com eficácia*”; e, do exame dos comportamentos humanos e animais em face de suas necessidades, tira a seguinte conclusão: “*para ser eficaz a atividade tem de se dar em resposta a uma atividade interpretativa que é, mesmo nos seus níveis mais elementares, uma forma de conhecimento*”.

As representações no animal são dadas pelo jogo do código genético e pelos seus aprendizados (experiências). Estão condicionadas pela necessidade de sobrevivência da espécie. Rubem Alves (79:22) explica que

cada organismo é um processo de aprendizagem preservado como memória biológica; É uma história transformada em estrutura. É a isto que se denominava comportamento instintivo. Em outras palavras: o animal é determinado ou programado pelo passado de sua espécie, presente em sua organização biológica.

No animal-homem, a representação esteve funcionando nos limiares do simbólico e, desde a aquisição das competências técnicas, começando com o desenvolvimento motor e mental que levou à fabricação da pedra lascada, sempre esteve ligada ao pensamento simbólico, de caráter projetivo. Desde então, a representação no nível humano é simbólica, mas há nele uma base infracultural. Por exemplo, um homem percebe uma mulher. Ele a percebe por uma representação de um modo cultural, mas também vai ter uma representação de um modo completamente biológico, que é condicionado pela espécie dele, da mesma maneira que um animal vai perceber uma fêmea de maneira biológica. Mas a sua representação, mesmo tendo uma base biológica, é uma representação dominada pelo símbolo, pela cultura, isto é, de modo especificamente humano. A razão por que a cultu-

ra subsume toda a forma de representação no homem é que a nova estrutura se torna dominante. Langer (71:71) explica por que, dizendo: “*uma nova estrutura se torna dominante porque tem maior campo para aprimorar-se*”.

A necessária ação de interpretação

Essa passagem, que aqui consideramos sob o aspecto mental, no nível biológico corresponde a mudanças na estrutura cortical do homínida, que permitiu a ele, nas palavras de Kroeber (apud Geertz, 66:33) “*exprimir-se, aprender, ensinar e fazer generalizações a partir da infinita cadeia de sensações e objetivos isolados*”. A partir desse momento, esse animal se dirige por forças que operam nos vazios ou nos arrefecimentos de controle da ordem genética. Vai fabricar instrumentos. Vai falar. Aprende a sorrir. Sabe que tem um passado, mas olha para o futuro. Conhece suas necessidades e controla-as com valores. Em suma, cria um mundo para si e o denomina cultura.

Prosseguindo na proposição da noção de comunicação como relação, precisamos atender para o fato de que aquilo que vai dizer que uma relação é relação de comunicação é a operação de representar a matéria constituída entre os comunicantes, por cuja ação eles dão valor significativo ao estímulo percebido e arrumam a reação do organismo. Pavlov (74:299), fazendo sua crítica à Psicologia da Gestalt, afirmava que

até certo ponto, pensar não quer dizer nada além de fazer associações, primeiramente elementares, em estreita relação com os objetos exteriores e, em seguida, cadeias de associações. Logo, a primeira associação é a menor de todas, é o momento do nascimento do pensamento....

o que, de forma muito clara, se liga a Locke para quem todo conhecimento do homem é dado pela experiência, quando

elabora as sínteses das sensações que experimenta.

É nessa forma de operação com a realidade que esta se torna manipulável na linguagem e na cultura. De modo todo especial, é nesse nível que a comunicação se torna viável e, sobretudo, manifesta sua potência vital, que define a sua natureza recíproca. Por isso mesmo Laing (1963) coloca a experiência da pessoa, isto é, a realidade tal como ela é vivenciada por um dado indivíduo, como fato básico para a análise do processo de comunicação como forma de comportamento interpessoal. As concepções, que dizem haver comunicação somente quando há interpretação do significado da mensagem, não afirmam outra coisa que a necessária ação de interpretação na construção da relação de comunicação.

O sujeito tem, portanto, que se representar o objeto e o outro, e a relação de comunicação vai ser regida por essa representação. A relação, pois, se define na representação. Entretanto não é qualquer relação que é comunicação. A relação de comunicação é a que se faz por um meio físico, que se constitui em mensagem para os comunicantes. A relação precisa, portanto, acontecer, precisa fazer-se no tempo e no espaço. Daí também que ela é um ato, uma ação que congrega seres que se compõem na resolução de interesses. É esse relacionamento se faz numa matéria, a que costumamos denominar 'mensagem'.

Assim, a mensagem se define, por natureza, como o meio de comunicar, que é o modo pelo qual o comunicante se inscreve no espaço e no tempo do outro. Por isso, falar da relação de comunicação é falar de algo que está entre: *entre* ele e ele, *entre* ele e ela, *entre* ela e ela, e não nele nem nela. Pelo que é mais condizente a este esquema de análise e ao estabelecimento de um modelo diferente de comunicação, dizer-se que "*nos comunicamos 'EM' algo*" do que dizer que *comunicamos algo*, não obstante esse "algo" ser sempre uma certa matéria, determinável, de um modo geral, pelos sujeitos comunicantes, segundo os domínios

do código comum (campo da relação possível), como um efeito de informação.

Retomando o pensamento da relação de comunicação, é preciso dizer que a sua especificidade consiste, justamente, na representação como sendo uma nova possibilidade de relacionamento pois que, como diz Canaud⁹, "*não se pode apreender o sentido do vivido da experiência senão na e a partir da rede relacional que a subtende e a define*", porque toda relação é compelida pela necessidade de avaliar o meio-ambiente e assim prover à vida do ser. Portanto no homem quanto no animal, a comunicação aparece como relação, que tem na sua base uma pulsão da natureza, uma força intensa que os leva ao relacionamento para a conservação de si e da espécie. O fenômeno da comunicação já de início sobrevém com o desejo e a necessidade do homem (e do animal) de estabelecer relações com o mundo, sendo, portanto, uma relação no jogo do encontro com a alteridade.

Compreende-se, então, que comunicar, no nível humano, é estabelecer uma relação entre uma pessoa e outra através de um meio material, comumente designado como mensagem, que subtende as representações dos sujeitos comunicantes. Logo o que faz que uma relação seja relação de comunicação é a representação como meio de comunicar. O que se quer dizer a uma pessoa vai passar pela palavra, pelo gesto, pela postura, pelo tom da voz, pela foto, pelo filme, pelo vídeo, pela carta, que são materializações que submetem as representações do que, enfim, se pretende dizer e do que significa traçar aquela relação. A necessidade da presença dessa ação da representação na relação de comunicação é enfatizada por aqueles teóricos que dizem que a mensagem não deve apenas ser recebida/acolhida, mas necessariamente interpretada/entendida.

Quando duas pessoas se comunicam – agora, então, melhor dito – quando *entram em comunicação*, há um relacionamento

⁹ Anotações de aula, ECO/UFRJ, 1975.

entre uma e outra. Esse relacionamento ocorre entre elas, não nelas, e se faz por uma representação, que investe uma segunda, a que o sujeito emissor faz do sujeito receptor, mas que é também a representação do que o emissor investe na procura do outro ou da outra coisa. Assim, a mensagem é um pacote de representações, que serve de ponto de passagem para as significações sociais. Essas materializações, que são o meio de comunicar, são um fluxo, que faz a relação de dizer, de projetar, de ver, de gesticular, etc e que subverte as representações dos comunicantes, isto é, uma relação com aquilo que se mostra e com aquele a quem se mostra. Então, no nível da representação, eu me relaciono à linguagem que é o meio de comunicar; linguagem essa que organiza e representa aquilo que quero mostrar para chegar ao outro, mas que também constrói o outro como termo da relação de comunicação.

Há, nesse funcionamento discursivo, a conformação da relação de poder. O que vem a pesar não é, então, a imagem do outro mas o lugar do outro no discurso. Exatamente, a relação de poder entrevista. A escolha dos elementos constituintes de uma mensagem é negociada no interior da representação como relação de forças. É diferente a constituição representativa de quem quer mandar e de quem quer solicitar um favor. Por isso o fato de pertencer a uma ou a outra representação discursiva, muda o sentido de uma palavra, (por exemplo, “necessidade” na representação do patrão e na do empregado).

Concluindo, por que buscar a relação como base da compreensão do fenômeno da comunicação? A comunicação se apresenta no contexto cultural como sendo um fenômeno complexo que conjuga a convergência e superposição de variadas atividades. Pressupõe a presença recíproca dos comunicantes. Não pode ser uma apresentação unilateral somente, mas recíproca. Explica Maruyama (73:158) que o sentido de relação diz que “elas (as relações) são múltiplas, mútuas e não se governam por princípios de subordinação, superordenação ou

paraordenação. O universo relacional não estabelece uma hierarquia”. O que define o poder, o que é poderoso não é a relação, mas o lugar do outro nela (na relação).

O sentido contido no dizer dos antigos romanos para ‘*cum munis*’, donde provém o nosso ‘*comum*’ (na língua Portuguesa), que é a raiz do verbo ‘*comunicar*’, é a existência de vínculos e uma espécie de solidariedade presente entre os termos, que fazem a *comun*-idade, não a subjugação de um termo a outro. A violência (mesmo o poder de influência) não pertence à natureza da comunicação, não é um atributo seu; ela pertence aos indivíduos no uso da comunicação.

De outra forma, precisa-se também de um espaço circundante comum aos sujeitos que entram em cena. É necessário que se busque o interlocutor que circula na esfera comum do realizável no âmbito das relações de sobrevivência da espécie definidas pelo Programa/Projeto específico. É a questão dos limites físicos do comunicável. Estes são dados pela área do que é indiferente à vida do ser, pelas coisas que nada significam para ele, que nem o convidam a aproximar-se (pela dinâmica do prazer) nem o levam a afastar-se (pela dor). É portanto a área que não provoca emoções, isto é, que é insignificante para o exercício da vida.

Conclusão

Estamos, pois, afirmando um conceito de comunicação que se aproxima da concepção que aparece firmada na sua origem constitutiva, onde toda relação de comunicação implica um tríplice fluxo: a relação entre, digamos, *A* e *B*, termos da relação de comunicação, (no nível humano, entre uma pessoa e outra) a que se deseja comunicar; a relação *A* e *C*, entre o emissor, fonte da mensagem, e a mensagem organizada para chegar ao outro, sendo ela, como diz Verón (83:34), “o ponto de passagem que suporta a circulação social das significações”; e *B* e *C*, relação entre o receptor e a relação constituída, sendo *C* o elemento que é posto para ponto de encontro com o outro e onde se dá

efetivamente o agenciamento. Isto quer dizer que a mensagem é um formato limitante do universo humano do sentido, reduzido a níveis singulares para cada comunicante.

Rigorosamente falando, as relações não se dão entre os sujeitos comunicantes, mas os sujeitos se relacionam com as representações constituídas (enunciados, mensagens) como forma (meio, mediação) de suas interações. Por isso se passou a falar de discurso, que é uma categoria que subtece, implicada nela, a ação persuasora do outro, de modo recíproco. Assim a representação, que mediatiza o encontro dos sujeitos, converte o *eu* num *socius* para o outro. Desse modo, tanto os sujeitos quanto os discursos se assentam no interior de processos de semiose. Por isso que fazer sociedade é participar de processos de significação.

Sintetizando, quando duas pessoas se comunicam, há um relacionamento entre uma pessoa e outra. Esse relacionamento vem regido pela representação do outro, cuja representação se consigna numa matéria que exprime a informação que se quer partilhar com o outro. Quer dizer, há também uma representação da mensagem. Assim, há um primeiro fluxo de relações – *A/C* – para chegar a uma segunda relação: *A/B*, a relação entre uma pessoa e outra; e as relações de representação do receptor – *B/C*: logo, relação entre um ser (= *A*) com outro ser (= *B*), por um elemento (= *C*), que os relaciona. Portanto, fazendo a ligação entre *A* e *B* está uma representação materializada, que é aquilo que é organizado para produzir o relacionamento com o outro e significar-lhe alguma coisa, sem o que ele não se exporá ao outro comunicante. Nesse sentido, cabe à mensagem aquilo que Barros (1997) diz do discurso: “... *define-se, ao mesmo tempo, como objeto produzido pela enunciação e como objeto entre um destinador e um destinatário*”.

Reafirmando, o modelo haurido a partir da análise da relação quer mostrar exatamente isto: que os sujeitos humanos na relação de comunicação não apenas se compreendem nela, mas mostram um ao outro que se compreendem nessa relação. Afirma-

se “compreensão”, aqui, no seu sentido global, isto é, de “fazer parte de”, de “integração no conjunto”, assim como dizer que o corpo humano “compreende” a cabeça, o tronco e os membros, e também no sentido de “fazer o entendimento” no processo que ocorre.

Referências bibliográficas

- ALVES, Rubem A. Notas introdutórias sobre a linguagem. *REFLEXÃO*, Revista de Filosofia e Teologia, PUC Campinas, SP, a. 4, n. 13, jan/abr. 1979. pp. 21-39.
- AMARAL, Márcio Tavares d'. **Eu, Indivíduo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Ática, 1997.
- BARTHES, Roland. **Le Degré Zéro de l'écriture**. Paris: Du Seuil, 1972.
- BERLO, David. **O Processo de Comunicação**, introdução à teoria e à prática. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- CANAUD, Diana. “**Dimensions Anthropologiques em Communication**”. Rio de Janeiro, ECO/UFRJ, Apostila de aula, 1975/76.
- CASSIRER, Ernst. **Antropologia Filosófica**, ensaio sobre o homem. São Paulo: Mestre Jou, 1972.
- CHALMERS, Alan. **A Fabricação da Ciência**. São Paulo: Fundação da Ed. da UNESP, 1994.
- CHERRY, Colin. **A Comunicação Humana**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1974.
- DE FLEUR, Melvin L. & BALL-ROKEACH, Sandra. **Teoria da Comunicação de Massa**. Rio de Janeiro, Zahar, 1993.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976.
- FISCHER, Ernst. **A Necessidade da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1973.

- GEERTZ, Clifford. A Transição para a humanidade. In: TAX, Sol e outros. **Panorama da Antropologia**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1966.
- HALL, Edward T. **A Dimensão Oculta**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- KIENTZ, Albert. **Comunicação de Massa, análise de conteúdo**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.
- LAING, R. D. **O Eu Dividido**. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.
- LANGER, Susanne K. **Ensaio Filosófico**. São Paulo: Cultrix, 1971.
- LITTLEJOHN, Stephen. **Fundamentos Teóricos da Comunicação Humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- LORENZ, Konrad. **L' Agression, une histoire naturelle du mal**. Paris: Flammarion, 1969.
- MARUYAMA, Magoroh. Metaorganização da Informação. In: EPSTEIN, Isaac (org.) **Cibernética e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- MATTELARD, Armand e mattelard, michèle. **História das Teorias da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.
- MATURANA R., Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- ____ e VARELA C., Francisco. **A Árvore do Conhecimento**. Campinas, SP: Editorial Psy II, 1995.
- MOLES, Abraham A. **Sociodynamique de la Culture**. Paris: Mouton, 1967.
- MORIN, Edgar. **O Enigma do Homem, por uma nova Antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- NÉRICI, Imídeo. **Educação e Tecnologia**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1973.
- PAVLOV, Ivan P. Crítica da Psicologia da Gestalt. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, v. XXXIX, p. 275-307, 1974.
- RABAÇA, Carlos Alberto e BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.
- ROGERS, Carl R. **El Proceso de Convertirse en Persona**. Buenos Aires: Paidós, 1977.
- SHANNON, Claude E. & WEAVER, Warren. **Teoria Matemática da Comunicação**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1975.
- SODRÉ, Muniz. **Reinventando a Cultura**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SPITZ, René. **No y Si, Génesis de la comunicación humana**. Buenos Aires: Ediciones Hormé S. A. E., 1966.
- TINBERGEN, Nikolaas. **La Vie Social des Animaux**. Paris: Payot, 1967.
- VERÓN, Eliseo. Quand lire c'est faire: l'énonciation dans le discours de la presse écrite. In: **Sémiotique II**. Paris: IREP, 1983.
- WEAVER, Warren. Contribuições Recentes à Teoria Matemática de Comunicações. In: SHANNON, Claude E. e _____. **Teoria Matemática da Comunicação**. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1975.
- WIENNER, Norbert. **Cibernética e Sociedade, o uso humano dos seres humanos**. São Paulo: Cultrix, 1968.
- WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1987.
- XIFRA-HERAS, Jorge. **A Informação, análise de uma liberdade frustrada**. Rio de Janeiro: Lux; São Paulo: Editora da USP, 1974.